

Povos Indígenas no Brasil

AZ Barão de Antonino

Fonte Folha de Londrina Class.: Kaingang PR

Data 14/08/93 Pg.: 289

# Estupro de menor agita reserva indígena

O caingangue acusado, Santílio Vargas, está preso em São Jerônimo da Serra. Índios pedem punição na justiça comum

Patrícia Zanin

São Jerônimo da Serra - Entre a cruz e a espada. É assim que a administração regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Londrina define a incômoda situação na reserva São Jerônimo, no município de São Jerônimo da Serra, com o estupro da menor G.S., de oito anos, pelo índio caingangue Santílio David Vargas, de 25 anos. A menina foi estuprada por Santílio na segunda-feira à noite, depois que um grupo de índios se embebedou com cachaça. Não fosse a intervenção do cacique Manoel Daka, que levou o rapaz para a Delegacia de Polícia, ele seria linchado.

Santílio foi autuado em flagrante e está preso na delegacia de São Jerônimo. Segundo o escrivão Euzébio Lino, as testemunhas já foram ouvidas e a polícia só está aguardando os resultados dos exames de perícia feitos em G.S., por um legista do IML de Cornélio Procopio. O escrivão garante que o inquérito estará concluído nos próximos 10 dias.

Os índios da reserva São Jerônimo informaram à administra-

ção regional da Funai que não querem a intervenção do órgão no processo. Eles reivindicam que Santílio seja julgado e sofra as devidas punições determinadas pela justiça comum. "Estamos preocupados com o que poderá acontecer", admite o administrador da Funai, Vlamir Antonio da Silva.

Segundo ele, a comunidade da reserva deverá encaminhar ata por escrito à Fundação, comunicando a decisão. "O Estatuto do Índio, através da lei 6.001, deixa claro o compromisso da Funai em proteger o índio e todos estão sob a tutela da entidade", explica. Por isso, a administração regional do órgão ainda não sabe o que fazer, já que a opção da reserva é de que o julgamento do acusado seja através da justiça comum.

Silva disse que pretende retomar na próxima semana os contatos com os indígenas. "Precisamos encontrar uma saída", explica. O administrador da Funai acredita que Santílio deva sofrer as devidas punições mas não acha que a saída seja o encaminhamento do índio para um "presídio qualquer com a possibilidade de conviver com marginais". Para

ele, a melhor saída seria a transferência do caingangue para outra reserva.

"É isso seria uma forma suficiente de punição porque o índio fica desestruturado e com muita dificuldade de se adaptar à nova comunidade, sem seus antigos amigos e sem a família", esclarece. Vlamir Antonio da Silva disse que casos de estupro entre índios não são comuns. "Eles são muito preocupados com as crianças", justifica, acrescentando que este deve ser o primeiro registrado no Estado.

A menina G.S., está internada na Santa Casa de Cornélio Procopio desde terça-feira. Segundo o diretor clínico do hospital, José do Carmo Neto, ela foi submetida a avaliação neurológica e passa bem. Carmo disse que ela deverá receber alta neste final de semana e se ficar alguma sequela, poderá ser tratada posteriormente.

Segundo ele, a menina está se recuperando do trauma do estupro e já consegue se alimentar, andar e falar normalmente, depois de ter chegado à Santa Casa "completamente desorientada", relata Carmo.

## Alcoolismo é o grande problema

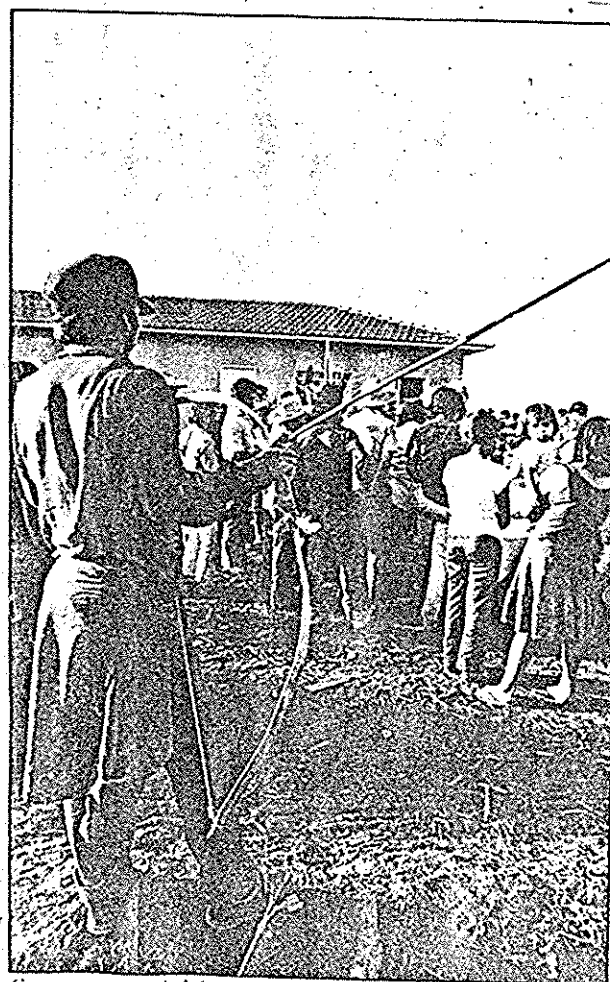
Se os casos de violência e estupro são pouco comuns entre os indígenas, o mesmo não se pode falar dos de alcoolismo. "É em todas as variações de comportamento, observamos que a bebida está presente", afirma o administrador regional da Funai em Londrina. O órgão responde por cinco reservas do Norte do Estado, totalizando 2 mil

índios.

Vlamir da Silva explica que o Estatuto do Índio proíbe a venda de bebidas alcólicas a integrantes de qualquer reserva mas admite que o controle da medida não é fácil. "A Funai tem tutela sobre o índio mas ele também tem vida própria", argumenta. No caso da reserva São Jerônimo, Vlamir infor-

ma que as bebidas são vendidas por comerciantes do município de São Jerônimo da Serra, há pouco mais de um quilômetro da reserva.

A proximidade do município, segundo ele, facilita a miscigenação. A reserva tem 290 índios dos grupos caingangue e guarani mas não é difícil encontrar brancos vivendo no local.



Como nos tempos da briga pela terra os índios se revoltaram